

Etelvino J. H. Bechara

Instituto de Química - USP - CP 20780 - 01498 - São Paulo - SP

---

Os modelos de desenvolvimento adotados pelo homem para a agricultura, a pecuária, a indústria e os centros urbanos não têm levado em conta a natureza. O solo, o ar e a água têm sido usados como depósito do lixo produzido. Como resultado apareceram as chuvas ácidas, as mudanças climáticas, a erosão e a desertificação do solo, a contaminação dos alimentos por metais e agrotóxicos, o acúmulo de lixo não degradável, principalmente plásticos, o buraco de ozônio, o perigo de extinção de muitas espécies animais e vegetais, e vários outros problemas ambientais muito sérios e praticamente irreversíveis. Ao se apropriar dos recursos que a natureza lhe ofereceu, o homem se esqueceu de um princípio vital: o equilíbrio que deve existir entre animais e plantas no seu habitat. Sem preservação do equilíbrio ecológico, o planeta morre.

Para debater estes problemas e encontrar as melhores soluções, a ONU vai realizar em junho de 1992, na cidade do Rio de Janeiro, sua 2ª Conferência sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente: a ECO 92. A primeira foi realizada há quase 20 anos atrás, em Estocolmo. Chefes de governo, na reunião oficial, e ambientalistas, cientistas, sindicatos, industriais e outros segmentos da sociedade civil, em reuniões paralelas, irão discutir os meios para tornar o mundo mais limpo e menos miserável. Um confronto entre os países do 1º e do 3º mundo na proposta das estratégias a serem adotadas para a solução dos problemas ambientais é aguardado. Por exemplo, ao discutir as questões climáticas os países desenvolvidos cobrarão do 3º mundo a proteção, talvez a internacionalização, da Amazônia e de outras florestas tropicais e, ao discutir a questão da saúde e da pobreza, proporão controle de natalidade. De nossa parte, ao discutir estas mesmas questões, embora possamos concordar com as soluções propostas pelos países desenvolvidos, exigiremos deles maior controle no uso de combustíveis, cuja queima contribui com 75% do gás carbônico lançado à atmosfera, provocando com outros gases o chamado efeito estufa, ou seja, aquecimento do globo terrestre. Também cobraremos deles a transferência de tecnologia moderna, limpa, para o 3º mundo em áreas importantes como a de medicamentos, novos materiais e informática.

Está muito claro hoje que o solucionamento dos problemas ambientais está acima do conceito de países. A queima dos poços de petróleo no Kuwait, os testes atômicos em ilhas do Pacífico Sul, as queimadas das florestas brasileiras, o destino de lixo químico e nuclear da Europa, a exploração das plataformas continentais e da Antártida são problemas que afetam a todos nós. Mais cedo ou mais tarde todos sentiremos seus efeitos. Por isso é importante preveni-los. Governos de todo o mundo, principalmente nos países sub-desenvolvidos, se encontram hoje com o dramático dilema de decidir onde aplicar os poucos recursos disponíveis para solução de problemas

cruciais da população: saúde, educação, transporte, alimentação, moradia, e agora, recuperação do meio ambiente e prevenção de desastres ecológicos. Sem dúvida, uma parcela destes recursos tem de ir também para as universidades e institutos de pesquisa, que são os lugares onde, através da pesquisa e do ensino, são descobertos caminhos para a solução dos problemas ambientais.

Enquanto governos e políticos decidem sobre onde aplicar as verbas e, na área ambiental, temos visto, infelizmente, mais discurso do que ação, é fundamental que cada homem, mulher e criança se conscientize destes problemas que estão destruindo a vida no planeta e reformulem seus hábitos, principalmente os de consumo.

No plano individual, por exemplo, economizar água, combustível e energia elétrica; reutilizar ou reciclar sacos plásticos, latas, vidros e papel; interessar-se e informar-se sobre os problemas ambientais de sua rua, do seu bairro, de sua cidade; educar os filhos para o respeito às plantas e aos animais e à vida sem desperdícios; selecionar os produtos a serem comprados, não adquirindo aerossóis à base de CFCs, substâncias destruidoras da camada protetora de ozônio da atmosfera, preferindo os produtos embalados em materiais biodegradáveis ou recicláveis; boicotar e denunciar os produtos que não atendem às leis de proteção do consumidor; votar em políticos comprometidos com a causa ambiental.

No plano comunitário, exigir coletivamente do poder público mais atenção e investimentos na área ambiental; promover a discussão dos problemas ambientais na escola, igreja, associações de bairro, sindicatos; participar de sociedades ambientais (no Brasil, são mais de 6.000) e apoiar suas campanhas e manifestações públicas.

É um grande engano acreditar que os problemas de meio ambiente são mais sérios nas cidades do que na zona rural. Se na cidade temos a poluição do ar pelos carros e indústrias, o acúmulo de lixo, inchamento populacional e a violência, no campo a poluição dos rios por agrotóxicos e mercúrio é tão dramática que várias cidades estão a ponto de ficarem sem água potável; as queimadas de matas e da cana, antes do corte, jogam toneladas de carvão e fuligem no ar causando problemas respiratórios à população; e os assassinatos pela posse da terra e os linchamentos têm sido também freqüentes. Na cidade ou no campo, no mundo desenvolvido ou subdesenvolvido, todos seremos vítimas se não tratarmos a natureza com respeito e responsabilidade. Isto implica numa mudança de estilo de vida menos individualista para outro mais comprometido com toda a sociedade. Habitamos um planeta maravilhoso que está seriamente doente, à beira da destruição pelo próprio homem. Nós criamos os problemas, cabe a nós resolvê-los.

Publicação financiada pela FAPESP